

AS REVISTAS PEDAGÓGICAS E O ENSINO DE FRAÇÕES: UM ARTIGO DE BENEDICTO GALVÃO

Francisco de Oliveira Filho
Universidade Anhanguera de São Paulo
fofilho2004@yahoo.com.br

RESUMO

O presente texto tem por objetivo a análise e descrição do artigo de Benedicto Galvão, constante da Revista de Ensino de 1902, Anno I nº 2¹, junho, intitulado “Qual a ordem a seguir e o melhor processo para o ensino de frações – Frações Ordinárias”. O autor enumera argumentos para transmitir aos professores elementos sobre como trabalhar as frações ordinárias. Percebe-se no artigo a intenção do autor em orientar os professores sobre como trabalhar o conteúdo frações, e a intenção da Revista em servir de apoio pedagógico ao trabalho do professor. Como alicerce pedagógico foram utilizados os estudos de Monarcha, Bastos, De Certeau, dentre outros. Tem como questão norteadora a seguinte: “o que diz a Revista do Ensino de 1902, Anno I nº 2, sobre o ensino de frações?”

Palavras-chave: revistas pedagógicas; ensino de frações.

As Revistas Pedagógicas

Revistas Pedagógicas, Revistas Educacionais, Revistas de educação e ensino. Muitas foram as denominações desse material de suporte ao trabalho do professor, circulantes no Brasil durante certo período. O pesquisador Carlos Monarcha (2004), vai nos falar que tais revistas

[...] foram editadas com certa regularidade no estado de São Paulo, entre o final do século XIX e meados do século XX, e contribuíram decisivamente para estruturação, expansão e institucionalização da imprensa periódica especializada nas questões de educação e ensino (MONARCHA, 2004, p.8).

Na fala de Monarcha, a importância das revistas num tempo em que era difícil para o professor encontrar livros didáticos que apoiassem sua prática pedagógica.

As revistas eram, por sua vez, também, utilizadas como ferramenta *estratégica*² da elite dirigente para atingir os professores, transmitindo-lhes informações técnicas de atuação profissional. Para os professores, uma *tática* profissional no sentido de que lhes davam mais

¹ Endereço da revista no repositório: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/98843>

² Os conceitos de estratégia e tática são aqui referenciados ao historiador Michel de Certeau. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaça. A tática é a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro (DE CERTEAU, 2008, p. 99-100).

segurança no trato com as questões técnicas e/ou pedagógicas, que pode também ser entendida como uma estratégia destes perante os alunos.

Segundo Monarcha:

[...] essas diferentes séries de revistas de educação e ensino foram criadas por vanguardas intelectuais insertas em diferentes conjunturas sócio-históricas movimentadas sob signos da transição, instabilidade e experimentação. Empenhadas na produção e institucionalização de uma cultura escolar urbana, representada como o moderno de seus respectivos presentes históricos, tais vanguardas foram movidas por propósitos indissociáveis: modernização educacional, disputas intelectuais e legitimação de poder (MONARCHA, 2004, p.8).

Sobre a importância das revistas pedagógicas, Bastos (2007) irá nos dizer que

[...] os periódicos constituem uma instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional, pois fazem circular informações sobre o trabalho pedagógico, o aperfeiçoamento das práticas docentes, o ensino específico das disciplinas, a organização dos sistemas, as reivindicações da categoria do magistério e outros temas que emergem do espaço profissional. Além disso, acompanhar o aparecimento e o ciclo de vida da imprensa periódica de educação e de ensino permite conhecer as lutas por legitimidade que se travam dentro do campo, e também analisar a participação dos agentes produtores do periódico na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam instaurar as práticas exemplares. (BASTOS, 2007, p. 167).

Feitas algumas colocações de ordem geral sobre as revistas pedagógicas e algumas de ordem teórica, nosso objetivo agora é interrogarmos nossas fontes, intentando mostrar o porquê de nossas escolhas.

A Revisa de Ensino de 1902 e o artigo de Benedicto Galvão

As questões que nos são postas nesse item são as seguintes: porque escolhemos essa revista como alvo de nossa análise? Porque, uma vez tendo escolhido a revista, optamos pelo artigo de Benedicto Galvão? O trabalho a fazer para dar conta de responder tais questões é o de interrogar o documento em nossas mãos transformando-o em *fontes de pesquisa*. O pesquisador Vagner Valente, vai nos dizer que

Não existem fatos históricos por natureza. Eles são produzidos pelos historiadores a partir de seu trabalho com as fontes, com os documentos do passado, que se quer explicar a partir de respostas às questões previamente elaboradas. Assim, não há fontes sem as questões do historiador. Será ele que irá erigir os traços deixados pelo passado em documentos para a história, em substância para a construção de seus fatos (VALENTE, 2007, p.4-5)

Não houve, a princípio, um *motivo técnico* para a escolha da Revista e do artigo, objeto de nossa análise. A escolha inicial, assumimos como aleatória, mas desde a apresentação da mesma sentimo-nos justificados pelas nossas escolhas.

Na contracapa da revista, já temos o nome da mesma: Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo. Nos traz também a informação de que é uma publicação bimestral, subsidiada pelo Governo do Estado de São Paulo e de que os seguintes professores (dedução nossa) são responsáveis pela revista: Redactor Chefe: Arnaldo de Oliveira Barreto; Redactor-Secretário: Romão Puigarri; e os redactores-effectivos: Joaquim Luis de Brito, João Pinto e Silva, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira, Emilio Mário Arantes, Ramon Roca Dordal e João Chrysostomo B. dos Reis Júnior.

Ainda na parte pré-textual da revista, à página 157, “Questões Geraes – As Conferências Mensaes” ficou mais claro para nós os objetivos da revista.

Eles realizavam as “Conferencias Mensaes” com o objetivo de estruturar um programa e também de difundirem informações que ajudassem o professor no dia-a-dia de seu trabalho. No texto inicial da Revista os autores assim se manifestam:

É indiscutível que é o bom programma que faz a boa escola. Isso, porém, em termos; porque o programma constitue na escola o que poderíamos chamar o *esqueleto do ensino* (grifo nosso), e elle, de si só, sem a orientação do methodo, sem a indicação do fim que visa, entregue assim descarnado às mãos do mestre inexperiente, será sempre um esqueleto, a que apenas poderá dar fôrma a intuição natural de um espirito eminentemente educativo, ou já orientado nas lides do magistério (BARRETO, 1902, p. 157)

Na leitura do referido texto, percebe-se que eram realizadas tais “Conferências Mensaes”, temas importantes eram debatidos e, como fruto de tais discussões, alguns professores redigiam textos sobre os temas mais relevantes, que eram depois publicados na revista, objetivando a socialização de tais temas, com o objetivo de atender ao professor em suas demandas profissionais. Os autores assim se posicionaram:

A nosso vêr, das conferencias mensaes em todos os grupos escolares, de que fariam parte todos os professores das escolas isoladas do município, e em que se discutiriam theses atinentes não só ao ensino de cada matéria e ao seu fim educativo, mas também a assumptos geraes sobre disciplina, sobre os deveres dos mestres em relação aos alumnos e às suas famílias, e aos destes em relação àquelles, etc (BARRETO, 1902, p. 157-158)

Na sequência os autores explicarão a rotina de escolha e publicação dos textos na revista e o objetivo de tais publicações:

Seria ocioso accentuar as vantagens que dahi decorreriam para a orientação particular de cada grupo, em tudo quanto se entendesse com a vida íntima; e para a orientação geral, por isso que a nossa Revista,

inserindo em suas páginas os melhores desses trabalhos que visassem um melhoramento no ensino, como distribuidora geral, levaria a uns as boas idéias que outros grupos suggerissem e praticassem (BARRETO, 1902, p.158)

Por fim, os autores fecham o texto, mostrando a importância das conferências para o objetivo deles que era a sistematização do ensino primário:

Intimamente convencidos do incalculável auxílio que à unificação do ensino primário trarão as conferencias, damos em seguida as instrucções necessárias para a sua execução, junctando-lhes as theses mais importantes que do momento se nos deparam. Si o Governo as adoptar, teremos dado o passo mais seguro para a systematisação almejada, pois que, repetimos ainda, seria esse o melhor meio de orientação para o mestre, e ao mesmo tempo que quasi o obrigaria a voltar sua attenção exclusivamente para os misteres de sua profissão (BARRETO, 1902, p. 159).

No próximo texto, denominado “Instrucções para a regularidade das Conferência Mensaes dos professores dos Grupos Escolares e Escolas Modelo”, é explicado como funcionariam tais Conferencias:

As conferencias mensaes dos professores dos grupos escolares e escolas-modelo não têm character deliberativo; destinam-se apenas a aperfeiçoar e a uniformizar o ensino, fazendo com que a experiencia e o estudo de cada professor concorram para o aperfeiçoamento geral, suggerindo novas idéias, indicando novos processos, lembrando meios ainda não empregados para que o ensino se systematise, para que o estímulo se mantenha sempre vivo, e , finalmente, para que a escola se torne sempre attrahente não só para os alumnos como para os mestres (BARRETO, 1902, p.159).

Os autores nos explicam que em cada grupo ou escola-modelo havia um livro especial, destinado ao registro das *theses e questões sugeridas* as quais eram classificadas nas seguintes categorias: *questões geraes; disciplina escolar e methodos e processos de ensino*.

Na categoria de *questões geraes* ficariam as *theses* que envolviam “questões doutrinárias ou assumptos que se prestem a longas dissertações” (BARRETO, 1902, p.160). Na categoria *Disciplina Escolar* as *theses* relativas “aos meios já empregados e a outros novos, tendentes a garantir a boa ordem das diferentes classes, e a tornar cada vez mais intimas as relações entre mestres e alumnos” (BARRETO, 1902, p.160). Por fim, na categoria *Methodos e processos de ensino*, “as questões relativas ao ensino, sob o tríplice ponto de vista: physico, intellectual e moral” (BARRETO, 1902, p.160).

O livro citado ficava à disposição dos professores para que eles escolhessem os assuntos que seriam tratados e notamos também a seguinte orientação: “todas as vezes que os professores resumirem as suas opiniões reduzindo-as a preceitos práticos e

aforismos, deverão apresentar por escripto essa parte do seu trabalho, afim de ser registrada no livro competente, para proveito geral da escola”(BARRETO, 1902, p.160).

Aqui, podemos inferir que seja também um critério de seleção das theses que iriam ser publicadas na revista. As conferências eram realizadas no segundo sábado de cada mês, no horário das 13:00h às 15:00h, em qualquer sala da respectiva escola.

Por seu turno o Governo emitia também theses, com objetivo de saber a opinião dos professores:

O Governo, em outubro de cada anno, expedirá theses a todos os professores do Estado, sobre assumptos de que queira ouvir a opinião do professorado primario ou secundário, marcando as conferencias para Dezembro, na capital; conferencias essas que serão publicas e realizadas numa das salas do Congresso (BARRETO, 1902, p.160).

Depois são relacionadas 14 (quatorze) *theses* na categoria *questões geraes*, 30 (trinta) na categoria *Disciplina Escolar* e 30 (trinta) na categoria *Methodos e processos de ensino*. O texto alvo de nossa análise, “Qual a ordem a seguir e qual o melhor processo para o ensino das fracções”, de Benedicto Galvão³ é a *these* de número XVII da categoria *Methodos e processos de ensino*. Como na revista são publicadas em torno de 18 (dezoito) *theses*, inferimos que foram escolhidas as mais relevantes para fazer parte da revista.

Esse é, então, o panorama, o quadro de fundo da escolha da revista e do artigo que ora trazemos para descrição e análise nesse texto.

Qual a ordem a seguir e qual o melhor processo para o ensino das fracções?

O artigo é iniciado com a seguinte discussão: “qual marcha seguir com o ensino das fracções”? Começar pelas ordinárias “como fazem os livros”, ou se deve “começar pelas decimaes, como aconselham os programas e grande parte, se não a maioria, de nossos colegas”? (p.202). Vemos traços do ensino intuitivo (parte do simples ao complexo) no texto do autor quando o mesmo assim pontua:

Quanto às theorias, é princípio aceito, por todos, que, no estudo de qualquer sciencia se deve partir dos casos mais geraes, para os casos mais especiaes. Ora, o caso das fracções ordinárias é, sem dúvida, muito mais geral que os das decimaes, e até este é uma face especial daquele (GALVÃO, 1902, p.203).

É preciso abrimos um parênteses aqui para pensarmos que a revista é de 1902, época sobre a ação de uma *vaga intuitiva* que, pelo menos teoricamente, esteve em ação

³ Nas páginas 341 a 343 da Revista, há um texto chamado “Movimento Associativo”, que é assinado pelo autor do artigo, alvo de nossa análise, o professor Benecito Galvão, onde ele assina como 1º Secretário da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de São Paulo. Não conseguimos maiores informações sobre o mesmo.

até a década de 1920. A revista logo no seu início traz um texto com frases de Pestalozzi, considerado o sistematizador do ensino por intuição, assim apresentado:

Aphorismos de Pestalozzi

- I – A actividade é uma lei da meninice. Acostumai os meninos a *fazer*; - educai a mão;
- II – Cultivai as faculdades em sua ordem natural; formai primeiro o espírito para instruí-lo depois;
- III – Começai pelos sentidos e nunca ensineis a um menino o que elle puder descobrir por si;
- IV – Reduzi cada assumpto a seus elementos. Uma dificuldade de cada vez é bastante para uma creança;
- V – Avançai passo a passo. Sêde completo. A medida de uma informação não é o que o professor pôde dar, mas sim o que a creança pôde receber;
- VI – Cada lição deve ter um fito, quer imediato, quer remoto;
- VII – Desenvolvi a idéia; depois o termo. Cultivai a linguagem.
- VIII – Procedei do conhecido para o desconhecido; do particular para o geral; do concreto para o abstracto; do mais simples para o mais complicado.
- IX – Primeiro a synthese, depois a analyse. Não a ordem do assumpto, mas sim a ordem da natureza (GALVÃO, 1902, p.153).

Qual seria, então, a maneira correta de se começar o ensino de frações, pensando pela teoria intuitiva⁴? Pelas frações ordinárias ou pelas frações decimais?

O autor, assim pontua:

[...] no caso em questão, tanto é familiar à creança a divisão do todo em duas, tres ou quatro partes – caso das fracções ordinárias – como a sua divisão em dez, cem ou mil partes – caso das fracções decimaes. Não há, portanto, razão, para que as theorias sejam contrariadas: o alumno deve, primeiro, saber o que é fracção ordinária, conhecer-lhe perfeitamente a natureza, para só depois, entender bem o caso especial das fracções decimaes (GALVÃO, 1902, p.203).

O autor coloca que o primeiro cuidado do professor ao iniciar o estudo das frações deve ser o de “insistir sobre a sua significação e sobre o seu modo de representação”, fazendo com que o aluno resolva “muitos e muitos problemas”. O autor, assim exemplifica seu ponto de vista:

Si perguntardes a um menino: duas regoas, mais tres regoas, quantas regoas são? Imediatamente responderá elle: são cinco. Mas, si, agora, substituides o termo *regoa* pela palavra *sétimo*, e fizerdes a pergunta: dois sétimos mais tres sétimos quantos sétimos são? o menino não acertará na resposta ou, por outra, não responderá (GALVÃO, 1902, p. 204).

⁴ Podemos entender como *vaga intuitiva*, uma onda pedagógica surgida em finais do século XVIII sistematizada pelo educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), e que se estendeu até por volta de 1920. Por *pedagogia intuitiva*, como “uma vertente da pedagogia tradicional, cuja característica básica é oferecer, na medida do possível, dados sensíveis à percepção e observação dos alunos” (ZANATTA, B,A,2012, p.106). Por *ensino intuitivo* o ensino resultante de tal pedagogia, tendo como princípios os seguintes: “partir do conhecido ao desconhecido, do concreto ao abstrato, ou do particular ao geral, da visão intuitiva à compreensão geral, por meio da associação natural com outros elementos” (ZANATTA, B,A, 2012, p.107).

O autor explica que o aluno erra, porque liga o denominador das frações à ideia de número, quando deveria ligar à ideia de nome e sugere que as frações sejam escritas da seguinte maneira:

$\frac{1}{5}$; $\frac{3}{6}$; $\frac{2}{7}$
quinto meios sétimos

Orienta o autor que após a criança ter compreendido perfeitamente a ideia de fração e a maneira de representa-la, passa-se a ensinar à mesma a relação existente entre a fração e o inteiro, com uma gama de exercícios em que se determina um todo a partir de uma fração conhecida; outros onde se determina um inteiro, do qual se tenha subtraído uma fração, e se tenha conhecimento do resto.

Logo depois vem o aparecimento dos números mistos e sua consequente transformação em frações impróprias. Nesse caso, o autor assim pontua:

Aqui também, como sempre, a analyse do facto arithmetico, antes da regra; o alumno, compreenderá perfeitamente a transformação, cumprindo ao professor insistir sobre esse axioma – *um inteiro tem dois meios, tres terços, quatro quartos, etc.*- axioma que, apesar de sua grande simplicidade, não é espontaneo no espirito do alumno, como a principio parece (GALVÃO,1902, p.205).

Essa questão é bem atual; qualquer um de nós já passou apuros e apertos em sala de aula e, talvez, vamos continuar passando, face a tal questão; é difícil para o aluno entender tais conceitos e é necessário nos dedicarmos.

O autor continua, agora abordando a operação inversa, assim por ele descrita: “A transformação contrária, isto é, a redução de uma fracção impropria a numero mixto, facilmente poderá também ser analysada pelo alumno e, depois da analyse, a regra apparecerá naturalmente” (p.205).

O autor diz que então terá se abordado “um dos pontos mais importantes no trabalho com as frações ordinárias, qual seja, a simplificação das frações, base indispensável para o estudo da redução ao mesmo dominador” (p.205).

O autor deixa claro a importância do conceito no trabalho do professor, dizendo que “deve merecer especial atenção da parte de quem ensina” (p.205).

Enfatiza que o professor só deve trabalhar a redução a um mesmo denominador, depois que tiver observado

[...] que o aluno não desconhecerá uma fracção, muito embora o numerador e o denominador apareçam multiplicados ou divididos por um mesmo número, isto é, muito embora ella se complique ou se simplifique (GALVÃO, 1902, p.206).

O autor, na sequência, coloca um exemplo, da seguinte maneira: “Escrevam-se, por exemplo, na pedra, as fracções $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{3}$. Duas, só duas, a principio, porque o espirito do homem (e, com mais razão, o da criança) só póde combinar os números, dois a dois. As combinações ternárias escapam ao nosso raciocínio” (GALVÃO, 1902, p.206).

Na sequência: “Esriptas as duas fracções, convidemos o aluno a complical-as e não será difficil conduzil-o a este resultado: $\frac{3}{6}$ e $\frac{2}{6}$ ” (p.206). Segue afirmando:

$$\frac{3}{6} \quad \frac{2}{6}$$

Obtidas as novas fracções, chamaremos a atenção do menino, para a egualdade dos denominadores, e mostraremos que as fracções acima tambem podem ser escriptas assim: $1 \times \frac{3}{2} \times \frac{1}{3}$ e $1 \times \frac{2}{3} \times \frac{1}{2}$ “ (GALVÃO, 1902, p.206)

Segundo o autor, ao aluno ainda ficará uma questão: “porque é que ambos os denominadores vem a sahir iguaes? Mostrar-lhes-emos, então, que os denominadores são dois productos de fastores iguaes, collocados em ordem diversa, e que, como a ordem não influe, esses productos ou denominadores são iguaes” (GALVÃO, 1902, p.207).

Considera que dessa forma, “estará, portanto, comprehendida a theoria da reduçção de fracções ao mesmo denominador; venham agora os problemas para fixar as idéas, e a somma e a subtracção não precisam ser ensinadas; o aluno, por si, descobrirá o modo de practical-as”(GALVÃO, 1902, p.207).

Antes de se ensinar a multiplicação e divisão de frações para os alunos, o autor orienta ao professor “mandar o aluno escrever a fracção $\frac{3}{8}$; por exemplo, mandará multiplicar o numerador por 2 e assim obterá a fracção $\frac{6}{8}$; fará depois que o aluno as compare e reconheça que esta é duas vezes maior que aquella” (GALVÃO, 1902, p.207). Solicita, ainda, que sejam escolhidos outros exemplos ao acaso, de maneira a *guiar o espirito do aluno* (grifo nosso) e, assim, fazer com que o aluno perceba que “multiplicar ou dividir o numerador de uma fracção por um certo número é multiplicar-a ou dividir-a por esse número e que, relativamente ao denominador, o contrário acontece” GALVÃO, 1902, (p.207).

No trabalho com os alunos com a multiplicação de frações o autor diz considerar 3 casos: multiplicação de fracção por inteiro, de inteiro por fracção e de fracção por fracção. Para o autor, o primeiro caso (multiplicação de fracção por inteiro) é de fácil entendimento por parte

dos alunos, bastando lembrá-los de que “o denominador só da idéia de nome” (GALVÃO,1902, p.208).

Relativamente ao segundo caso, diz que depende de mais raciocínio e assim exemplifica: “Seja o caso $5 \times 1/2$. Encetemos com a classe o seguinte diálogo: Como achariam vocês o dobro de 5? Multiplicando por 2. E o triplo? Multiplicando por 3. E a metade? Dividindo por 2, responderão todos imediatamente”(GALVÃO,1902, p.208). Vai dialogando com os alunos induzindo-os a responder que para achar a metade de um número é multiplicar por $1/2$, achar a terça parte é multiplicar por $1/3$. Segundo o autor, “assentada essa idéia perguntemos: A quanto é igual 5 multiplicado por $1/2$. A dois e meio, responderão todos” (GALVÃO,1902, p.208).

Segundo o autor, esse raciocínio assim trabalhado será utilizado para o terceiro caso, o de multiplicação de fração por fração, situação em que o autor lançará mão do seguinte exemplo: $4/5 \times 2/3$. Por meio de sugestões o professor “fará com que o aluno se lembre do que aprendeu acima e estenda essa idéia até o caso em questão; isto é, fal-o-á convencer-se de que multiplicar por $2/3$ é o mesmo que achar $2/3$ de $4/5$ ” (GALVÃO,1902, p.209).

No ensino da divisão de frações o autor diz que o professor deve considerar os mesmos três casos considerados quando da multiplicação de frações, sendo o primeiro caso a divisão de uma fração por inteiro. O autor assim exemplifica:

[...] examinemos a marcha a seguir. O professor escreverá na pedra $6/8 \div 2$ e guiará a inteligência dos alunos pelo seguinte raciocínio: temos aqui $6/8$, isto é, seis pedaços de um todo dividido em oito partes. Vamos repartir esses seis oitavos entre duas pessoas; cada uma ficará com tres, logo $6/8 \div 2 = 3/8$ (GALVÃO,1902, p.209).

Antes de se passar ao segundo caso (divisão de um número por uma fração), o autor enfatiza que o professor deve assim proceder: “Ensinaresmos, por meio de exemplos, que dar a qualquer inteiro um denominador é dividil-o pelo numero que representa o referido denominador, ou, mais claramente, que 2 é tres vezes maior que $2/3$ ” (GALVÃO,1902, p.210).

Uma vez que o professor esteja convicto de que os alunos entenderam o conceito acima trabalhado, o autor sugere o seguinte exemplo: $9 \div 4/5$ e assim procede:

Começaremos dividindo o número nove por quatro e assim obteremos $9/4$. Agora, explicaremos que dividir por 4, em vez de dividir por $4/5$, é fazer que o quociente venha cinco vezes menor e, se assim é, faz-se mister multiplicar-o por 5 e obteremos a fracção $45/4$. Escrevamos, então, a disposição do calculo $9 \div 4/5 = 45/4$. Diante della, fácil será ensinar a regra (GALVÃO,1902, p. 210).

Relativamente ao terceiro caso (divisão de frações por frações) o autor diz que não há necessidade de discorrer sobre o mesmo.

No fecho de seu texto o autor, assim se coloca:

Procurando descobrir o motivo pelo qual a maioria dos moços da nossa terra tem aversão ao estudo da mathematica, que é, na opinião abalisada de um celebre philosopho, a mais simples das sciencias, na escala encyclopedica, não tardamos a chegar á conclusão de que é a escola preliminar, desvirtuada de sua missão, e no afan de muito illustrar quando seu fim "é mais de educar", é ella que enchendo o espirito do alluno de regras fastidiosas, porque elle não as comprehende, é ella que mata no coração da creança o amor pela sciencia da verdade e levanta uma terrível onda de antipathia e de desprezo à mais pura das sciencias (GALVÃO,1902, p.212).

Parece-nos muito atuais as preocupações e considerações do autor.

Considerações finais

Através do artigo analisado percebe-se que a Revista dá conta de cumprir um de seus papéis, qual seja, dar suporte e apoio ao trabalho do professor. Como foi possível perceber no texto introdutório os temas eram separados em categorias e nem todos eram alvos de publicação na revista, o que nos levou a inferir que o tema e o artigo foram escolhidos porque era um assunto recorrente no dia-a-dia do professor e/ou o artigo foi escrito e publicado face à demonstração de interesse por parte dos professores.

É nossa intenção cotejar o tema em outras revistas pedagógicas, em busca de similaridades e diferenças que nos permitam a continuação das pesquisas e adentrar mais a fundo esse universo tão vasto e completo das revistas educacionais.

Referências

BASTOS, Maria Helena C. As Revistas Pedagógicas e a atualização do professor: A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1952-1992). In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena. (Orgs.). *Educação em revista: a Imprensa Periódica e a História da Educação*. 1ª Reimpressão. São Paulo: Escrituras, 2002.

MONARCHA, C. Revistas de Educação e Ensino – São Paulo – 1892/1944. III Congresso Brasileiro de História da Educação, Eixo 4. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/149.pdf>

DE CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer. Editora Vozes, Petrópolis, 2008.

Revista do Ensino, 1902, Anno I, n.º 2. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/98843>. Acesso em: 01/02/2015.

XII Seminário Temático

Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890 - 1970): o que dizem as revistas pedagógicas? (1890 – 1970)

Local: Auditório Tristão de Athayde, Escola de Educação e Humanidades - PUCPR

Data: 8, 9 10 e 11 de abril de 2015.

ISSN 2357-9889

VALENTE, W,R. História da Educação Matemática: interrogações metodológicas. Revemat: Revista Eletrônica de Educação Matemática, v.V2, p. 28-49, 2007

ZANATTA, B, A. O legado de Pestalozzi, Herbart e Dewey para as práticas pedagógicas escolares. Teoria e Prática da Educação, v. 15, p. 105-112, 2012.